

ALMADA

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

GRANDES PROJECTOS DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

Conimbriga

Tongobriga

Mesas do Castelinho

Alcalar

Herdade dos Perdigões

Vale do Côa

O Povoado Tardo-Republicano
do Monte dos Castelinhos

Dinâmica Urbana
da zona ribeirinha de Faro

Minimizar em Arqueologia
um novo rumo?

IIª Série n.º 16
Dezembro 2008
10 euros



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE ALMADA

Dos Principais Ciclos Rupestres balanço breve

António Martinho Baptista [PAVC, ambaptista@me.com]

Para o Mário Varela Gomes de 1995,
com quem partilhei o tempo das descobertas do Côa

1. Identificação: histórico

O Vale de Canivães (ou Vale da Casa), na margem esquerda do Douro, muito perto da foz do Côa, foi o primeiro sítio com arte rupestre identificado na região do Baixo Côa / Douro, em 1982 (BAPTISTA 1983). Foram então inventariadas e estudadas 23 rochas decoradas, maioritariamente em superfícies xistosas dispostas na horizontal, disseminadas num amplo terraço que marginava o Douro, e que desde 1983 se encontra submerso pelas águas da barragem do Pocinho.

A grande maioria da sua arte rupestre foi então atribuída à IIª Idade do Ferro (BAPTISTA 1983). Aqui foram na altura também identificados alguns painéis com arte rupestre calcolítica e da Idade do Bronze, para além de algumas expressivas gravuras de tempos mais recentes, estas dispersando-se até junto da foz do Côa.

O encerramento das comportas do Pocinho, em inícios de 1983, fez subir o nível das águas nos últimos quilómetros do Côa, submergindo então inúmeras gravuras da Idade do Ferro, mas também algumas paleolíticas (dos períodos I e II do Côa), de que hoje se conhecem bem as da Canada do Inferno, onde as águas subiram cerca de 12 metros, as da Foz do Rego de Vide e muito em particular as da foz do Côa, onde se concentra grande parte da arte Magdalenense, estas na sua maioria ainda por estudar. Lamenta-se que na altura não estivesse ainda em vigor a legislação relativa aos estudos de impacto ambiental e patrimonial, o que levou à não identificação da arte paleolítica do Côa, pois, caso tivessem ocorrido prospecções rupestres mais intensivas, estas não deixariam de identificar algumas gravuras, em particular as do sítio da Canada do Inferno.

Porém, o grande complexo de arte rupestre do Vale do Côa só começará a ser verdadeiramente intuído a partir de 1989, primeiro com o estudo preliminar de impacto orientado por Francisco de Sande Lemos (da Universidade do Minho), e depois, a partir de finais de 1991, com o começo dos trabalhos de acompanhamento arqueológico da construção da barragem do Baixo Côa pela pequena equipa orientada por Nelson Rebanda (do IPPAR). Mas a revelação dos achados desta equipa, nomeadamente das gravuras paleolíticas da Ribeira de Moinhos e da Canada do Inferno, só será tornada pública em finais de 1994, num momento em que as obras da barragem estavam já consideravelmente avançadas.

A partir de finais de 1994 e, em especial, ao longo do ano de 1995, a área de expansão da Arte do Côa (tomada em sentido lato) vai sendo fixada e melhor conhecida, quer pelos trabalhos orientados pelo autor e por Mário Varela Gomes, quer pelo voluntarismo de muitos populares que então prospectavam a região, incentivados pelo mediatismo do processo Côa. Sucederam-se então as descobertas de muitas rochas decoradas, quer ao longo do Vale do Côa (sítios da Penascosa, Quinta da Barca, Fariseu...), quer em alguns dos seus vales adjacentes e confluente (Ribeira de Piscos, Vale do Forno...) e noutros já com pendentes orientadas para o próprio Douro (Vale de José Esteves, Vale de Cabrões...).

A Arte do Côa é hoje considerada a maior e a mais importante concentração mundial de arte paleolítica de ar livre, tendo sido classificada pela UNESCO, em Dezembro de 1998, como Património da Humanidade. Esta classificação poderá ser brevemente alargada ao sítio vizinho de Siega Verde, na margem esquerda do Águeda (Espanha), também ele um afluente do médio Douro, onde, desde finais dos anos 1980, foram sendo identificadas e estudadas cerca de seis centenas de gravuras de tipologia paleolítica, e muitas com os mesmos formalismos de estilo do Vale do Côa. Este sítio poderá assim ser proximamente considerado pela UNESCO como uma "extensão do Vale do Côa".

Para além da arte paleolítica, outros ciclos rupestres aqui deixaram testemunho, conhecendo-se bons exemplos de arte da Pré-História recente e particularmente da Idade do Ferro, este o segundo grupo artístico mais importante da região e um dos mais característicos a nível peninsular.

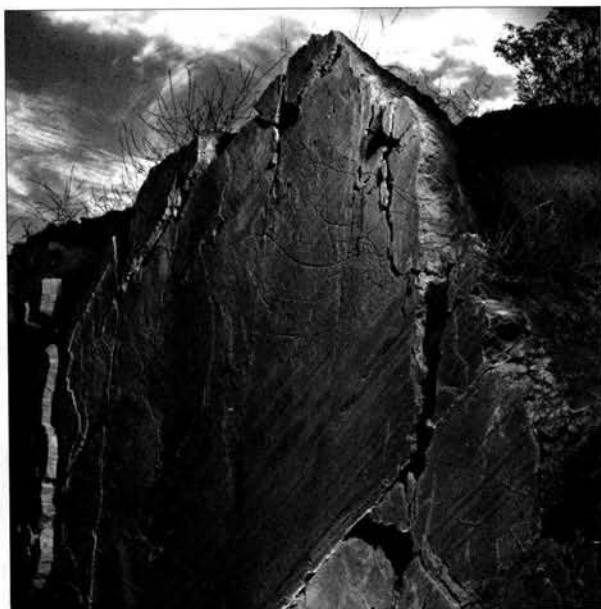


Foto: Pedro Guimarães, 2009.



Desenho: A. M. Baptista / M. V. Gomes / F. Barbosa / Cuiati-PAVC.

Figs. 1 e 2 - Rocha I da Canada do Inferno, o "painel da descoberta". A parte superior do painel é um bom exemplo das sobreposições estruturadas em dispositivo ilusório. Período I da arte paleolítica do Côa.

Como principal medida de salvaguarda de todos estes sítios rupestres foi criado o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), formalmente inaugurado em 10 de Agosto de 1996. No sentido de promover um estudo continuado da sua arte rupestre, foi também criado logo depois (Maio de 1997) e sediado na região, o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART).

Este organismo seria em Abril de 2007 extinto e integrado no PAVC, no âmbito das reformas do PRACE conduzidas pelo governo de José Sócrates. Durante os seus quase dez anos de actividade, e pese embora nunca tenha sido convenientemente dotado de meios humanos, o CNART realizou um estudo continuado e sistemático da Arte do Côa, tendo organizado as bases de dados indispensáveis para um conhecimento fundamentado dos ciclos rupestres do Côa / Douro.

▶ 128

A coroação de todo este trabalho de mais de uma década, fruto da persistência e da paixão necessárias ao estudo ponderado de uma rica região rupestre com as características desta, será a próxima inauguração do Museu do Côa, que ocorrerá ainda em 2009. Aliando a descodificação arqueológica dos mundos rupestres do Baixo Côa a uma peça de arquitectura arrojada e notavelmente implantada junto à foz do Côa, aqui se sintetizará a mais arcaica memória gráfica da Pré-História antiga em território português. E a justificação afinal da também arrojada decisão do governo de António Guterres de finais de 1995, em mandar suspender *sine die* as obras já avançadas de uma grande barragem que, contra o que muitos então defendiam, iria destruir irremediavelmente o mais admirável imaginário rupestre do homem fóssil em território nacional.

**2. Prospecção e inventários:
ponto da situação em Dezembro de 2008**

O trabalho de prospecção e inventário arqueológico começou logo em 1995 e foi sendo melhor sistematizado após a criação do CNART. Aqui devemos realçar a persistência do trabalho nos últimos anos de Mário Reis, cuja análise minuciosa do terreno tem contribuído significativamente para o considerável aumento do número de rochas decoradas. Os particularismos arqueológicos e de sistematização deste trabalho de inventário são apresentados e discutidos em BAPTISTA e REIS (2008; no prelo).

Em toda a região do Côa e até meados de 2008, foram registadas 887 rochas historiadas, distribuídas por 47 sítios. De todas estas rochas, apenas sete são referentes a pedras soltas ou blocos partidos, sendo as restantes 880 correspondentes a afloramentos que se mantêm *in loco*. Este aspecto é particularmente importante, pois em especial a arte paleolítica mantém uma evi-

dente relação directa com a paisagem envolvente e só o estudo ponderado dessa relação para além dos particularismos da própria arte, permitirá o desenvolvimento de fundamentadas lógicas interpretativas que procurem ultrapassar o mero acumular de informações e estatísticas arqueológicas e/ou arqueográficas (conf. BAPTISTA e GARCÍA DÍEZ 2002; BAPTISTA *et al.* 2006 e 2008; SANTOS 2008).

Como é evidente, muitas destas rochas decoradas estão ainda por estudar. De acordo com as fichas dos registos de campo, é o seguinte o seu ordenamento cronológico (até meados de 2008):

- Paleolítico superior: 417 rochas em 30 sítios;
- Pré-História recente: 41 rochas em 14 sítios;
- Idade do Ferro (maioritariamente 2ª Idade do Ferro): 310 rochas em 31 sítios;
- Períodos históricos: 163 rochas em 30 sítios;
- Indeterminados: 105 rochas em 19 sítios.

Em muitas destas rochas sobrepõem-se gravuras de períodos distintos. São particularmente interessantes as sobreposições de gravuras da Idade do Ferro a motivos paleolíticos em painéis da zona da foz do Côa.

Pese embora o intenso trabalho de prospecção e fruto das dificuldades de um território muito acidentado, apenas seis sítios podem ser considerados como totalmente prospectados (excepto áreas permanentemente submersas); em cinco outros a prospecção sistemática está quase terminada; em outros 14 a prospecção foi realizada ainda que de forma não sistemática; e em 24 sítios a prospecção limitou-se até agora a uma inventariação sumária a partir dos sectores onde entretanto tinham sido detectadas rochas decoradas.



Foto: A. M. Baptista / M. Almeida / CNART-PVC



Foto: Pedro Guimarães, 2008.

Figs. 3 e 4 – Em cima, cabra pirenaica com duas cabeças simétricas simulando movimento. É uma das mais esbeltas gravuras do Côa. Em baixo, Cabeça de bovídeo, gravada e pintada da rocha 6 da Faia, na mancha granítica do Côa. Período I da arte paleolítica do Côa.

Desenho: Fernando Barbosa / CNART-PVC.

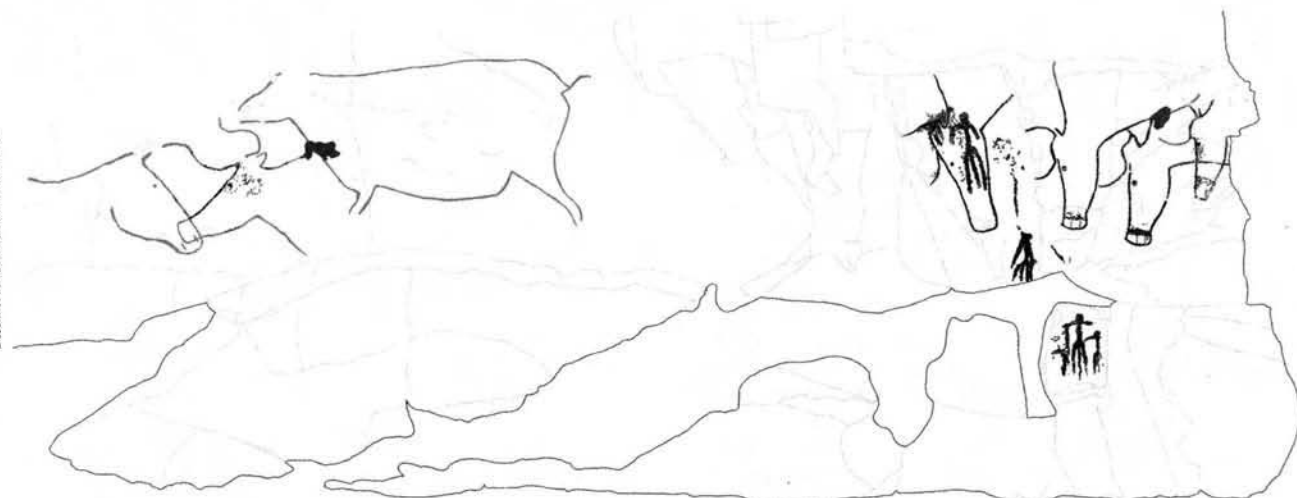
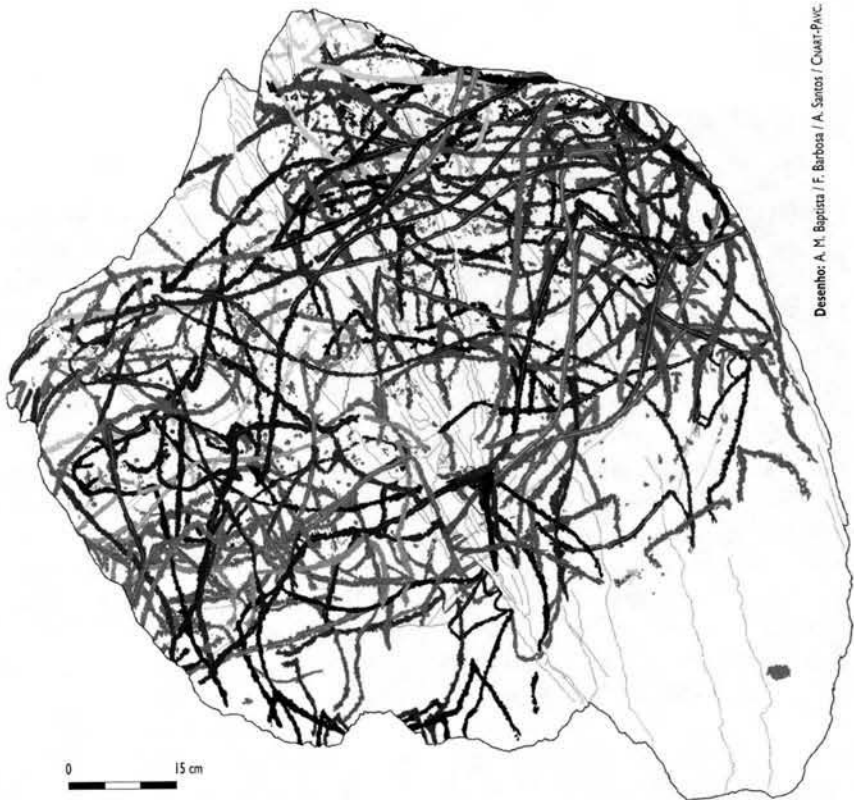


Fig. 5 – Rocha 6 da Faia, com representações do período I da arte paleolítica do Côa e pinturas antropomórficas neolíticas.

Todos estes sítios estão disseminados ao longo das margens do último troço do Côa, numa extensão de cerca de 17 quilómetros. Alguns estão localizados já no Douro ou nas vertentes dos pequenos afluentes que marginam a região da foz do Côa. Mas foi este rio que se constituiu como o eixo fundamental de todos estes ciclos artísticos, dando nome aos conjuntos.

Excepto no sítio da Faia, o mais a montante e o único onde o Côa flui em ambiente granítico, todas as gravuras e as raras pinturas se encontram nos amplos e lisos paredões de xisto, quase sempre com uma disposição vertical (aqui a mais notória excepção é o Vale de Canivães, com painéis na horizontal), que afloram nas margens dos cursos de água.

A este número de rochas decoradas há que acrescentar o lote de 96 placas e fragmentos de placas de arte móvel paleolítica, quase todo saído das escavações do sítio do Fariseu, em particular na pequena praia frente à rocha 1. Infelizmente, a submersão permanente deste sítio não permite que uma escavação em extensão possa ampliar o número de elementos estratigrafados de arte móvel e, por outro lado, contribuir de uma maneira ainda mais fina para o enquadramento arqueológico da Arte do Côa.



0 15 cm

Fig. 6 - Painel da direita da rocha 1 da Quinta da Barca, a "rocha do esparguete". Período I da arte paleolítica do Côa.

3. Arte paleolítica do Vale do Côa

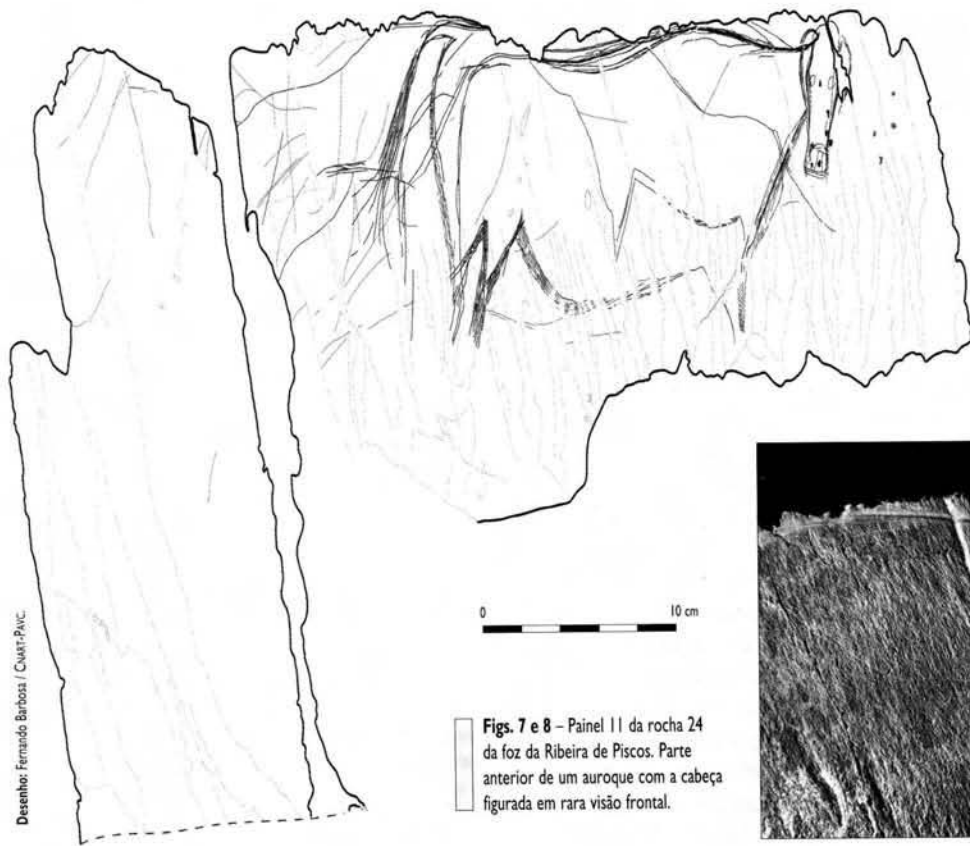
3.1. Características gerais

O tipo de jazida da arte paleolítica do Côa, que pode paralelizar-se com a do sítio vizinho de Siega Verde, contribuiu para tornar a paleta gráfica paleolítica também ela uma arte da luz, pois durante mais de um século se pensou ser a

arte parietal plistocénica praticamente exclusiva do mundo das grutas. Alterou-se assim definitivamente o paradigma de uma arte das trevas, até então adquirido relativamente à arte do homem fóssil europeu.

Mas, obedecendo aos cânones iconográficos da arte paleolítica da Europa Ocidental, a temática do Côa, com motivos de grande qualidade estética e elaborados padrões de execução técnica, é fundamentalmente zoomórfica e naturalista, ainda que de um naturalismo sintético e mesmo sensorial. A fauna representada, típica de um clima mais temperado que frio, é constituída por equídeos (cavalos), bovídeos (auroques), capríneos (cabras e camurças) e cervídeos (veados e cervas). Este bestiário é complementado por alguns raros peixes, bem como por alguns zoomorfos indeterminados, cuja morfologia, no entanto, os aproxima da tipologia das espécies apontadas (BAPTISTA 2003).

Em três rochas foram ainda identificadas algumas representações humanas / humanóides / seres compostos, de que a mais divulgada, e a que primeiro foi conhecida, é o expressivo humano icitáfalo da rocha 2 de Piscos. ▶ 132



0 10 cm

Figs. 7 e 8 - Painel II da rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos. Parte anterior de um auroque com a cabeça figurada em rara visão frontal.

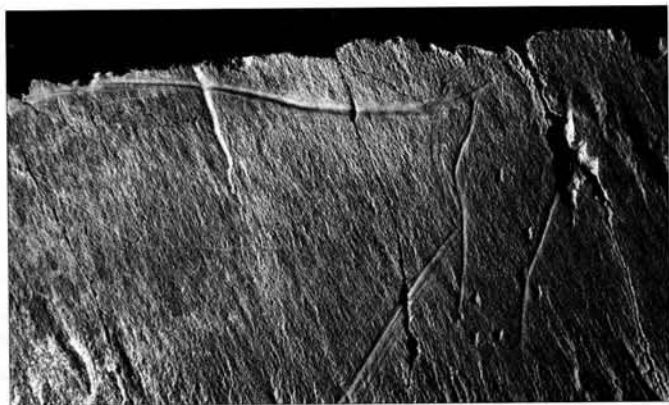




Fig. 10 – Arte Magdalense do Côa. Humanóide do painel 2 da rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos.



Fig. 9 – Sector esquerdo da rocha 2 da Ribeira de Piscos. O humano icuífálico está no topo da estratigrafia figurativa.

lo é o da notável cabra da rocha 5 de Vale de Cabrões, uma das mais belas representações da Arte do Côa.

São raras as cenas ou composições evidentes, de que a mais notável é a de dois cavalos com as cabeças enlaçadas na rocha 1 de Piscos (naturalismo sensorial). Há também animais com múltiplas cabeças sugerindo movimento, uma característica pouco comum na arte paleolítica, mas muito típica da Arte do Côa, aparentemente exclusiva do período I (fase antiga). O exemplo mais destacado é o da cabra

Fig. 11 – Arte Magdalense do Côa. Cabra da rocha 5 de Vale de Cabrões.



Desenho: Fernando Barbosa / CMMT-PwC.

pirenaica com duas cabeças simétricas da rocha 3 da Quinta da Barca. Mas para toda a principal fauna figurada há exemplos de animais com múltiplas cabeças.

Por outro lado, os artistas sobrepunham intencionalmente os animais nas mesmas zonas dos painéis, constituindo as rochas mais densamente gravadas verdadeiros palimpsestos com

ricas estratigrafias figurativas. Esta sobreposição intencional configura uma característica a que chamamos uma “sobreposição estruturada em dispositivo ilusório”. Isto é, as sobreposições do período antigo (gravuras picotadas de traço profundo), ainda que de momentos diferentes, devem ser encaradas como eventuais associações entre todos os motivos, sacralizando-se com as gravações quer um painel, quer um lugar, num jogo de formas de que apenas nos chegou a imagética animalista na sua eventual relação com os lugares. Esta é uma característica típica do primeiro período da arte do Côa (Gravetto-Solutrense), de que os melhores exemplos são as rochas 1 da Quinta da Barca, 1 do Fariseu, 3 da Penascosa e 1 da Canada do Inferno, entre outros.

3.2. Distribuição espacial e síntese evolutiva

A escavação de dois sectores da praia frente à rocha 1 do Fariseu, um painel repleto de gravuras picotadas sobrepostas entre si (94 identificadas até ao momento) que evidenciam já todos os atributos de forma e estilo da Arte do Côa, selado por estratos com restos de fauna consumida e indústrias líticas atribuíveis à segunda metade do Paleolítico superior (AUBRY e SAMPAIO 2008), demonstra que a acumulação estruturada e intencional dos motivos nas mesmas zonas dos painéis, se processa num mesmo horizonte cultural, muito provavelmente durante o período Gravettense ou Gravetto-Solutrense, que é um dos principais momentos de apogeu do ciclo artístico paleolítico (BAPTISTA 2009: 65 ss).

As várias datações TL, OSL e 14C do Fariseu, confirmam a frequência paleolítica do lugar pelo menos entre 18 400 e 11 000 BP (AUBRY *et al.* 2006; AUBRY e SAMPAIO 2008: 7). E acentuam a antiguidade das gravuras de traço profundo deste painel, parcialmente

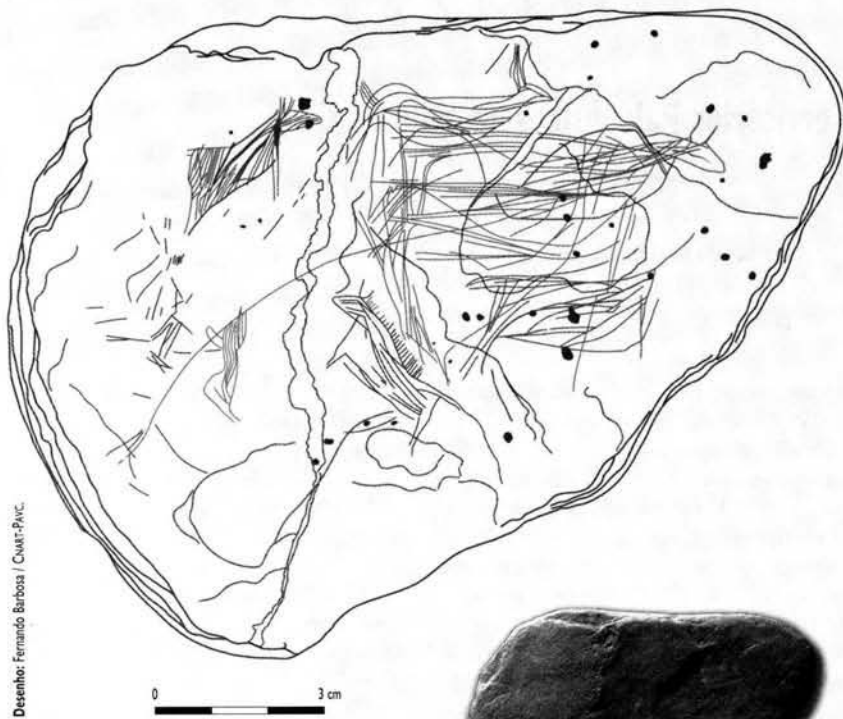
Mas aqui merece destaque o notável grupo de humanos e híbridos (humanóides / seres compósitos) da rocha 24 da foz da Ribeira de Piscos (BAPTISTA 2009: 90 ss.). Todos ostentam o aspecto caricatural e até animalesco (na forma das cabeças), típico dos seres antropomórficos paleolíticos identificados na arte móvel ou na arte das grutas.

Os signos / sinais de carácter abstracto estão mais presentes no fim do ciclo e pertencem quase todos ao período Magdalense. Podem acompanhar e associar-se à fauna (cavalo da rocha 2 de Piscos, auroque da rocha 6 de Vale de Cabrões, entre outros), ou aparecerem isolados como os vulgares feixes de linhas incisas, ou até em grandes concentrações, como no caso excepcional da rocha 16 do Vale de José Esteves, aqui ligados à arte da transição tardi-glacial / azilense (BAPTISTA 2008 e 2009: 112 ss.), já longe dos padrões mais naturalistas dos períodos anteriores.

Tecnicamente, os motivos são na sua maioria gravados por incisão ou martelagem, havendo raros casos de animais (auroques) gravados e pintados a vermelho, estes apenas em local abrigado da Faia. Isto sugere que outros motivos, de que hoje apenas se conservam os traços gravados e/ou raspados, poderão também ter sido pintados.

Na sua maioria os motivos surgem isolados, como que pairando num espaço idealizado, sem figuração do solo ou de qualquer elemento vegetalista. Um caso de aparente figuração do so-

Desenho: A. M. Baptista / M. Y. Gomes / F. Barbosa / CMMT-PwC.



Desenho: Fernando Barbosa / CUMAT-PVc.

132

Dos Principais Ciclos Rupestres...

coberto por depósitos paleolíticos e com a presença de fragmentos do painel com impactos caídos nos níveis de base, o que seria melhor precisado na escavação do Inverno de 2007, o último momento em que foi possível intervir no sítio. De acordo com os dados destas escavações, de momento apenas se pode afirmar que a gravação do painel será contemporânea ou anterior aos momentos de deposição das camadas 7 e 8 e pode tomar-se, ainda que provisoriamente, a datação de 18 400 como a idade mínima para a história deste painel, cujas gravuras oferecem uma grande homogeneidade morfo-estilística.

As gravuras picotadas com traços profundos, aquelas que hoje melhor se podem ainda apreciar, são assim das mais antigas, sendo esta a técnica de execução preferencial do I período da Arte do Côa. No entanto, a presença de animais incisos de traço simples na base da estratigrafia figurativa, quer na rocha 1 do Fariseu, mas também na rocha 1 da Canada do Inferno (do mesmo período figurativo), demonstram que as incisões de traço simples estão presentes desde a Iª fase de gravação. E poderão até ser a base das gravações picotadas de traço profundo, enquanto esboço das gravuras que seriam depois picotadas e aprofundadas.

Os sítios característicos deste primeiro período localizam-se mais junto ao antigo leito do Côa e, preferencialmente, nas antigas praias onde o rio mais alargava: Canada do Inferno, Fariseu, Foz da Ribeira de Piscos e Penascosa / Quinta da Barca. Estas são, aliás, as quatro últimas praias / enseadas dos últimos quilómetros do Baixo Côa, infelizmente agora descaracterizado a partir da foz de Piscos para jusante, devido à subida das águas por efeito da barragem do



Foto: Manuel Almeida / CUMAT-PVc.

Figs. 12 e 13 – Arte Magdalenense do Côa.
A placa I da arte móvel do Fariseu, ricamente decorada.

Pocinho. As poucas gravuras e pinturas nos granitos da Faia também pertencem estilisticamente a este Iº período.

É a este período que pertencem todos os painéis com as gravuras picotadas ordenadas em sobreposições estruturadas em dispositivo ilusório, alguns procurando intencionalmente as partes mais elevadas dos painéis como o espaço operativo preferencial. Aqui se sobrepunham intencionalmente os motivos que iam sendo sucessivamente gravados (e pintados?), formando finalmente densos palimpsestos como os das citadas rochas 1 do Fariseu e 1 da Quinta da Barca, esta aparentemente num dos *axis-mundi* do santuário arcaico do Côa.

O segundo grande período da Arte do Côa paleolítico distribui-se pelo Magdalenense. E dele estão quase praticamente ausentes as picotagens, que são gradualmente abandonadas em detrimento das incisões simples e/ou múltiplas, que se constituem quase em exclusivo como a técnica dominante deste período. As placas de arte móvel do Fariseu, todas saídas das camadas tardi-glaciares e algumas bem referenciadas estratigraficamente, são um bom referencial sequencial e cronológico para este tipo de gravuras. Que se caracteriza pela desconstrução gradual da estilística naturalista e algo padronizada do período anterior. Agora os motivos são de menores dimensões, alguns quase minúsculos, os corpos dos animais são mais geométrica-

mente elaborados, pernas afiladas e sem patas, cabeças finas, acompanhando a gradual expansão do traçado múltiplo. E maior abundância de signos abstractos, muitos não figurativos.

A área de expansão deste período II desloca-se mais para a região da Foz do Côa e ribeiras adjacentes (Vale de Cabrões, Vale de José Esteves...). Mas há também excelentes exemplos de arte Magdalenense, quer na Penascosa (rocha 10), quer na Quinta da Barca (rocha 23) e muito em especial na zona terminal da Ribeira de Piscos, com as notáveis rochas 2 e 24 (especialmente muito perto uma da outra), onde se concentram a quase totalidade dos humanos / humanóides / seres compostos conhecidos no Côa.

Por outro lado, as gravuras incisas já não se constituem no mesmo tipo de acumulações estruturadas do período anterior, alterando-se mesmo os padrões de dispersão espacial. Agora aparecem menos concentradas nos mesmos painéis, são de menores dimensões e distribuem-se mais pelas grandes vertentes do vale, sendo mais comuns os painéis com menor número de gravuras. O espaço operativo dos painéis deixa de ser quase obsessivamente a sua parte mais elevada e gravam-se pequenos ou grandes painéis indiferentemente.

Todos estes factores contribuem para que se considerem os painéis decorados deste período como registos de uma arte menos “pública” do que os do período anterior.

Em resumo, o ordenamento ritualizado do espaço decorado privilegiando as zonas de praia no vale do Côa (primeiro período), demonstra que a monumentalização da paisagem e a sua aliança com a fauna de herbívoros e os cursos de água, está já adquirida desde o Gravettense ou Gravetto-Solutense, prolongando-se a gravação, agora mais dispersa, até ao Magdalenense (período recente), com um acentuado deslocamento do “santuário” para a região da foz do Côa. Durante esse longo período de tempo pode considerar-se o vale do Côa como um vasto “santuário” de ar livre, percorrido e ordenado por sucessivas gerações de caçadores-artistas do Paleolítico superior.

4. Arte da Idade do Ferro

Não há soluções de continuidade nos ciclos rupestres do Côa. E o longo hiato entre o final da arte paleolítica e tardi-glaciária (arte azilense ou epipaleolítica) e a arte da Idade do Ferro, sendo o período artisticamente menos representado no Côa (ainda assim presente da Faia a Namorados, e de Vale de Figueira até ao Vale de Canivães), não permite que se considere consistentemente a persistência de um tão longo ciclo artístico na região. Há sim exemplos de vários períodos artísticos, mais ou menos bem caracterizados.

E o segundo ciclo artístico com maior densidade de gravuras é o da IIª Idade do Ferro (2ª metade / finais do Iº milénio a.C.). ▶ 136

A estação fundamental para a compreensão da arte deste período continua a ser a do Vale de Canivães ou Vale da Casa (BAPTISTA 1983), pois não foram até hoje aprofundados os estudos deste ciclo rupestre, tendo-se sempre dado prioridade à sistematização da arte paleolítica.

Centrado fundamentalmente no espaço envolvente à foz do Côa, aqui foram identificadas algumas centenas de rochas historiadas, com uma temática e uma estilística bem diferentes das dos períodos anteriores.

Com gravuras quase na sua totalidade incisas, o homem é aqui o actor dominante, surgindo quase sempre armado e montado em cavalos ou apeado, por vezes em combates singulares ritualizados. Cavalos, cães, veados, algumas aves e animais mitológicos constituem o bestiário da arte da Idade do Ferro. São figurados num estilo animado, por vezes quase caricatural, oscilando entre um pós-esquematismo e um pós-naturalismo decadentes e um jogo de formas padronizadas e impressivas: cavalos com grandes cabeças e corpos a espaços semi-estilizados, veados geometricamente lineares com longos cornos em V, cães longilíneos que por vezes dificilmente se distinguem dos cavalos... muito longe portanto de uma mais elaborada estética paleolítica e da simbólica padronizada da arte esquemática.

A panóplia de armas figuradas – lanças e dardos, espadas, falcatas e facas afalcatadas e escudos, mas onde é notória a ausência de arcos e flechas –, sendo um bom indicador cronológico, demonstra que os criadores destas formas artísticas se organizavam em sociedades guerreiras dominadas por fortes hierarquias, muito próximas das sociedades heróicas (quanto bárbaras) descritas por Estrabão (que morre em 20 ou 25 d.C.), nos alvares da conquista romana. Na fronteira da Lusitânia, não conhecemos o nome deste povo artista e guerreiro que estanciou na região nos últimos séculos da Idade do Ferro.

O estudo minucioso que realizámos da rocha 10 do Vale de Canivães (infelizmente hoje submersa, mas da qual existe um molde em látex que fizemos em 1982), demonstrou que as últimas (e das maiores) armas aqui figuradas, as três grandes falcatas, se sobrepõem aos restantes motivos do painel, pertencendo à última fase de gravação. Consideradas uma arma típica dos guerreiros ibéricos, com uma maior difusão a partir do século III a.C., foram elas uma das bases para a nossa atribuição deste tipo de gravuras à IIª Idade do Ferro, facto que até hoje se tem confirmado. É também esta rocha o melhor painel para o estudo da particular técnica de elaboração dos clássicos cavalos deste período, começados a gravar pelos quartos traseiros, figurados em forma de ferradura, arrancando daí o resto da figura. Isto faz com que as zonas posteriores dos cavalos acabem por ser quase sem-

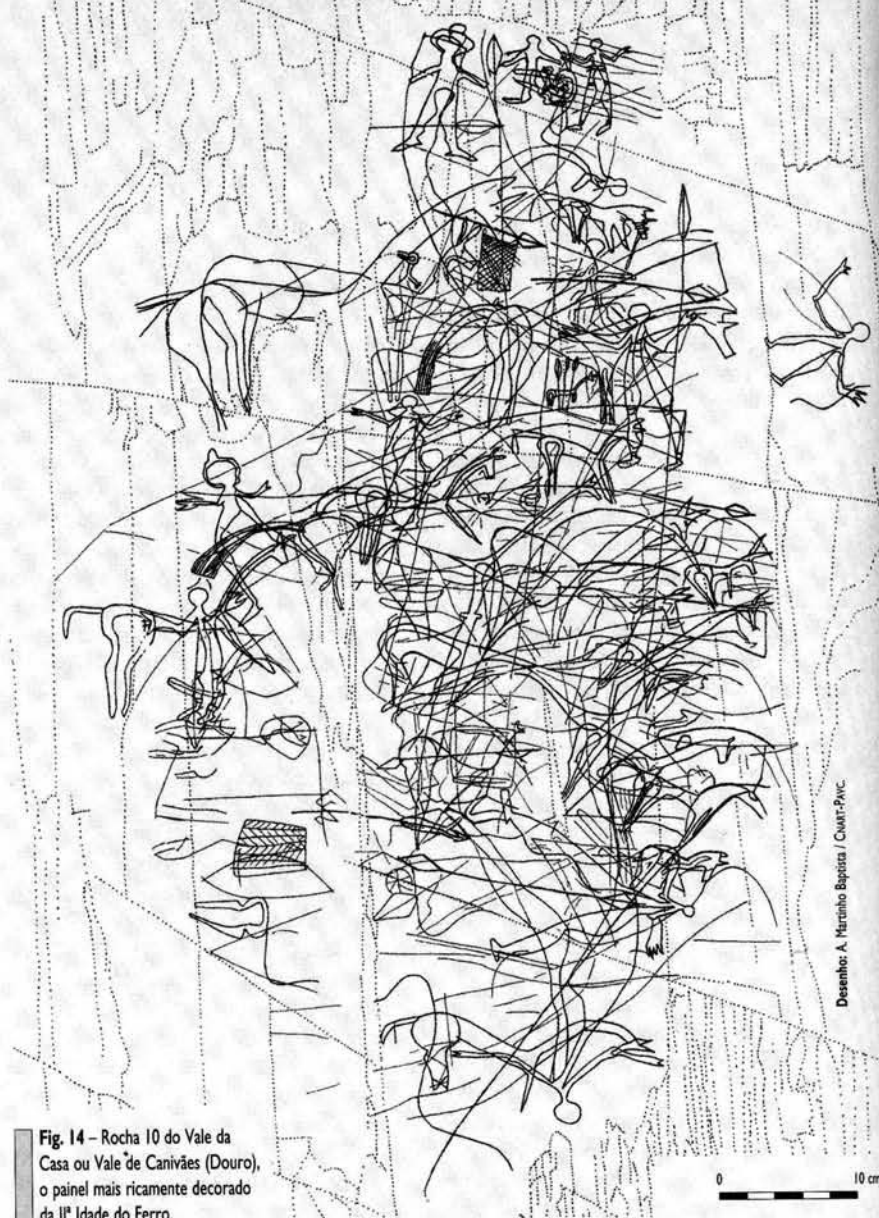


Fig. 14 – Rocha 10 do Vale da Casa ou Vale de Canivães (Douro), o painel mais ricamente decorado da IIª Idade do Ferro.

pre representadas em perspectiva distorcida frontal ou semifrontal, por oposição ao perfilado do resto do corpo.

Numa das rochas junto à embocadura do Vale do Forno, uma pequena figura de guerreiro apeado segurando numa mão uma lança na vertical e com a outra erguendo um escudo redondo, com uma pequena faca afalcatada no cinturão, é uma das gravuras emblemáticas deste período, que podia ser bem legendada pelas palavras do Livro III (Geografia da Ibéria) dos *Estudos Geográficos...* de Estrabão: “[Os Lusitanos] usam um pequeno escudo de dois pés de diâmetro, côncavo para diante, suspenso com tala-bartes de couro: com efeito, não possuem, nem braçadeira nem asa. Além disso usam ainda punhal ou gládio. A maior parte usa couraças de linho; poucos, cotas de malha e um capacete de triplíce cimeira, ao passo que os demais têm elmos de nervos. Os peões usam também polainas de couro, e cada um traz diversos dardos; e alguns, lanças com ponta de cobre...” (in CARDOSO 1994: 69).

Dois outros temas ilustram também razoavelmente a arte da Idade do Ferro junto à foz do Côa: as rochas 1 e 3 da Vermelha. Na rocha 1, um guerreiro montado (com interessantíssimos atributos estilizados; de notar também os típicos quartos traseiros do cavalo, conforme descrito

atrás), armado com um dardo curto e sem escudo, cintado, sobrepõe-se a uma cabra Magdalense, incisa em traço múltiplo. Aliás, em toda a região da foz do Côa, a arte da Idade do Ferro convive bem com as gravuras do IIº período da arte paleolítica. E na rocha 3 da Vermelha, talvez a mais conhecida e notável cena da Idade do Ferro, uma luta ritual entre dois guerreiros figurados em perspectiva. Ambos lutam com dardos curtos (já ambos lançaram entretanto um dardo) e defendem-se com os clássicos escudos redondos, idênticos aos descritos por Estrabão. Um deles, a figura central e talvez a personagem mais importante, está ligado por uma corda (ou tira de couro?) que lhe sai das faixas largas do cinturão, a um cavalo, aqui certamente figurado como símbolo de poder do seu possuidor. Os longos falos hiperdesenvolvidos, um dos quais tatuado (no personagem central), mais do que acentuar a virilidade, vinculam também eles a função de poder patente nos guerreiros. Estes têm a parte superior da cabeça rapada (mais do que cintada), deixando cair longos cabelos por sobre as costas. Afirmo Estrabão (*ob. cit.*), que atribui esta característica mais às mulheres dos Lusitanos, que os guerreiros “usam o cabelo comprido à maneira das mulheres; porém, em combate, cingem a frente com uma banda” (in CARDOSO 1994: 70). É o que se po-

Desenho: Fernando Barbosa / CNAT-PAC



Fig. 16 – Rocha I da Vermelhosa (pormenor). Guerreiro da IIª Idade do Ferro sobreposto a uma cabra magdalense incisa em traço múltiplo.

◀ 134

Dos Principais Ciclos Rupestres...

derá depreender desta cena? Ou terão antes a cabeça parcialmente rapada?

Um outro aspecto interessante nestas representações de guerreiros, mas também na maioria das personagens da Idade do Ferro, são os característicos rostos perfilados em forma de “bico de pássaro”. É um tipo de figuração bem conhecido nas decorações ibéricas, em especial nas cerâmicas pintadas (vaso de Liria, por ex.). Para além deste “estilo ibérico” (chamemos-lhe assim, já que algo também parece dever ao “estilo grego”), a face apontada pode também ter origem na figuração de uma particular forma de elmo. No entanto, cremos que a sua interpretação, como as traseiras dos cavalos, se desenvolve como um atributo de estilo que muito deverá à

chamada arte ibérica, mais típica da zona oriental da Península.

Quezada Sanz atribui a ausência de arcos entre as sociedades guerreiras do mundo ibérico ao seu tipo de sociedade heroicizada, o que parece também confirmar-se no Baixo Côa. O arco está de facto ausente entre as muitas dezenas de armas gravadas que já aqui são conhecidas (sente-se muito a falta de um contexto arqueológico!). O próprio guerreiro montado que caça um veado e cavalos (?), auxiliado por cães, na rocha 23 do Vale de Caniães, também não usa arco, mas sim dardo. O arco é considerado uma arma trai-

çoira numa sociedade que privilegia os combates singulares (rocha 3 da Vermelhosa), provavelmente até para a resolução de conflitos tribais e territoriais, sendo natural que também aqui o seu uso estivesse banido. O guerreiro do Baixo Côa, durante a segunda Idade do Ferro, quando em campanha apresentar-se-ia trajado sensivelmente como o que aparece descrito por Estrabão para os Lusitanos e com os seguintes adornos e armaria: uma lança comprida ou dardos curtos (que tanto podiam ser transportados a pé ou a cavalo), espada curta e/ou faca afalcatada, pequeno escudo redondo provavelmente de madeira com um umbo central em metal, cinturão largo bem apertado e provavelmente com largas tiras de metal, pernas nuas, saiote, sapatilhas de couro com prolongamento em atilhos ao redor da parte inferior das pernas. É natural que poucos possuíssem cavalos, animal reservado às elites guerreiras (como na Idade Média ocidental). Com a cabeça rapada ou os cabelos presos ao alto da cabeça e uma longa cabeleira pendente sobre as costas seria seguramente uma personagem terrífica, assim destinada a impressionar qualquer adversário. É o que nos sugerem os guerreiros da Vermelhosa.

Desenho: A. Martinho Baptista / CNAT-PAC

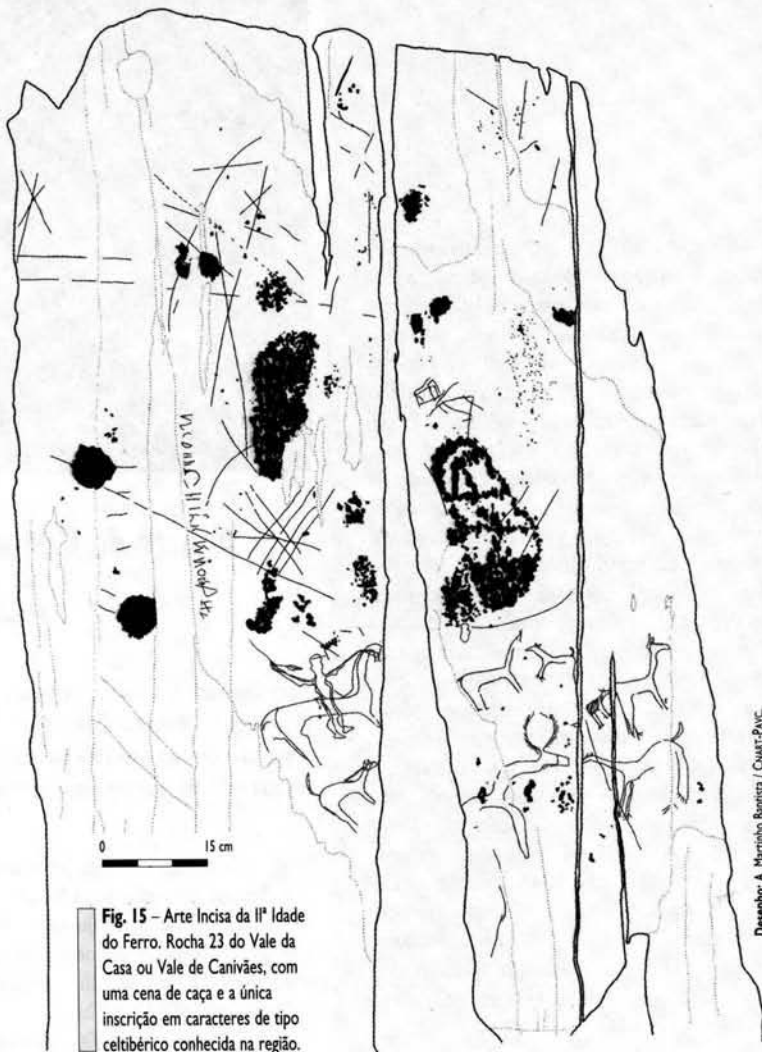


Fig. 15 – Arte Incisa da IIª Idade do Ferro. Rocha 23 do Vale da Casa ou Vale de Caniães, com uma cena de caça e a única inscrição em caracteres de tipo celtibérico conhecida na região.

Desenho: Fernando Barbosa / CNAT-PAC



Fig. 17 – Arte da IIª Idade do Ferro. Cena de luta singular entre dois guerreiros da rocha 3 da Vermelhosa (Douro, junto à foz do Côa). Largura máxima do desenho: 43 cm.

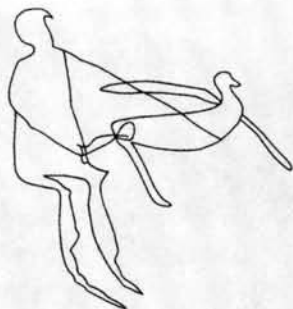


Fig. 18 – Cena de sexo na rocha 3 de Vale de Cabrões.
Altura máxima das figuras: 9 cm.

Todas estas reflexões levam-nos a considerar que a estratificação social destas sociedades poderia ser de tipo senhorial, o que é evidentemente de difícil confirmação.

Esperemos que num futuro próximo possamos aprofundar estas ideias a partir da análise arqueológica dos muitos painéis gravados deste período que já são conhecidos no Baixo Côa.

5. Gravuras rupestres de épocas recentes

As gravações de tempos históricos (séculos XVII-XX) encerram os ciclos rupestres do Côa. Também elas quase que só centradas entre a Canada do Inferno e a Foz do Côa (embora haja interessantes motivos, por exemplo, em Piscos), estas gravuras mais recentes devem-se fundamentalmente aos moleiros. Elas reflectem os seus horizontes ideológico-religiosos, gravando-se temas sagrados (cruzeiros, cruces, custódias, inscrições ao Santíssimo Sacramento, uma interessantíssima gravura do culto do Menino Jesus da Cartolinha...), até datas, nomes, comboios, barcos... e até o castelo de Guimarães com cenas de luta entre o rei de Portugal, Afonso Henriques, e o rei de Castela, cenas gravadas seguramente na sequência do ano dos centenários (1940) e das influências nacionalistas dos tempos do Estado Novo. O senhor António Seixas, autor de algumas destas gravuras na Canada do Inferno, foi um dos últimos gravadores do Côa (antes da sua descoberta arqueológica) e seguramente um dos raros a quem se pode dar nome.

Alguns bibliografia fundamental

- AUBRY 2002.
AUBRY e SAMPAIO 2008.
AUBRY *et al.* 2006.
BAPTISTA 1983; 1999; 2000; 2003; 2008; 2009.
BAPTISTA e GARCÍA DIEZ 2002.
BAPTISTA e REIS 2008; no prelo.
BAPTISTA *et al.* 2006; 2008.
CARDOSO 1994.
JORGE 1995.
LEMONS 1994.
SANTOS 2008.
ZILHÃO 1995; 1997.

[ver referências desenvolvidas em Bibliografia final]

O n.º 7 do art. 75.º definia ainda que “com vista a assegurar o ordenamento e a gestão dos parques arqueológicos, [...] a administração do património arqueológico competente deve, nos termos da lei, elaborar um plano especial de ordenamento do território”.

A forma de criação e gestão deste plano foram deixadas para definir em legislação de desenvolvimento, concretizada no Decreto-Lei n.º 131/2002, de 11 de Maio.

É curioso notar que o Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico (POPA) não foi entretanto adicionado aos outros tipos de Planos Especiais de Ordenamento do Território no decurso das reformulações do Decreto-Lei n.º 399/199, que continuam mais dedicados a valores naturais³, ficando o património arqueológico remetido para o art. 15.º, em cujos instrumentos de gestão não figura o POPA. Esta desatenção do legislador não invalidará o articulado na Lei n.º 107/2001, desenvolvido no Decreto-Lei n.º 131/2002.

No cumprimento deste, a Proposta de Criação do PAVC foi apresentada em Setembro de 2004. O inquérito público decorreu entre Fevereiro e Março de 2005, do qual foi redigido um

relatório, cujo parecer afirma estarem reunidas todas as condições legais para a criação do Parque. Este relatório foi homologado a 18 de Novembro de 2005 pela então Ministra da Cultura, e só a existência de outras prioridades políticas poderá explicar que, no final de 2008, não tenha ainda sido publicado o decreto regulamentar do PAVC. O POPA deverá ser publicado dois anos após a data desta publicação, existindo já estudos para o efeito.

Será um instrumento fundamental na gestão deste património mundial, numa região que sofre hoje uma forte pressão pela expansão da área cultivada de vinha. Enquanto tal não acontece, a estratégia do PAVC tem sido propor a classificação de novos núcleos de arte, que a prospeção continua a evidenciar, e definir Zonas de Protecção Especial dos núcleos já classificados.

³ Os únicos PEOT referidos continuam a ser os planos de ordenamento de áreas protegidas, de albufeiras de águas públicas, da orla costeira e dos estuários (alínea c do n.º 2 do art. 2.º e n.º 3 do art. 42.º do Decreto-Lei n.º 151/95, de 24 de Julho, na versão que lhe foi dada pelo Decreto-Lei n.º 316/2007, de 19 de Setembro).

perspectivas futuras na Conservação da Arte do Côa

António Pedro Batarda Fernandes [PAVC]

A conservação de arte rupestre ao ar livre é uma disciplina pouco desenvolvida, existindo um número limitado de referências sobre o assunto. Assim, o Vale do Côa terá de se constituir como o laboratório “vivo” onde métodos de intervenção conservativa, bem como de monitorização da evolução das dinâmicas erosivas em acção, terão de ser investigados.

O Programa de Conservação do PAVC vem desenvolvendo há já oito anos um trabalho metódico com o objectivo de compreender todo o contexto natural de conservação da arte rupestre do Vale do Côa. Das acções que têm vindo a ser desencadeadas destacamos a experimentação prévia de intervenções de conservação em afloramentos não gravados (FERNANDES 2004 e 2008 – ver Bibliografia final).

Contudo, tendo em conta o grande número conhecido de afloramentos gravados e a escassez de recursos disponíveis, é fundamental a criação de um método adequado de avaliação sistemática do estado de conservação dos afloramentos, que possa estabelecer prioridades nas

futuras acções de conservação a implementar. Entre os factores que a analisar, podemos mencionar a inclinação e orientação das encostas onde os afloramentos se encontram, sua situação microclimática, colonização biológica ou os complexos processos erosivos em acção.

Por forma a executar este projecto, o signatário iniciou em Fevereiro de 2008 um curso de Doutoramento na Universidade de Bournemouth, sob a orientação do Professor Timothy Darvill e com apoio do Programa de Bolsas da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

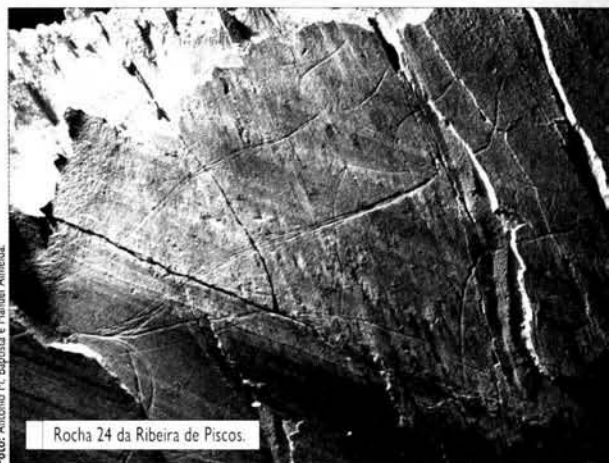


Foto: António M. Baptista e Manuel Almeida.

Rocha 24 da Ribeira de Piscos.

Dinamização Cultural Junto da Comunidade

Jorge Davide Sampaio e Rosa Jardim [PAVC]

No âmbito dos objectivos do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), e para além do obrigatório cumprimento das medidas de protecção, conservação e divulgação do património arqueológico, têm sido desenvolvidas nos últimos anos acções tendentes à promoção cultural na sua área de abrangência. Com a realização de tais acções, pretendeu-se acima de tudo efectivar uma ligação das populações e agentes culturais locais aos valores patrimoniais, no caso concreto o importante legado artístico paleolítico classificado como Património da Humanidade.

Neste sentido, tem sido hábito aproveitar duas efemérides: Agosto, data em que o PAVC foi criado, e a classificação da arte do Côa como Património da Humanidade, que ocorreu em Dezembro. Em ambas, por períodos que se estendem por uma ou duas semanas, têm sido levadas a cabo actividades não só relacionadas com a arte rupestre e a Arqueologia, como também a promoção de eventos musicais, entre outros associados aos produtos regionais, dos quais têm merecido destaque a vinha e o vinho. Aliás, no âmbito destas comemorações, tem-se procurado uma associação entre ambos os patrimónios da Humanidade que se fundem no Côa: a milenar Arte Rupestre e o Douro Vinhateiro, procurando-se também associar público visitante e comunidades residentes.

No sentido de proporcionar uma maior ligação das populações em todo o Vale do Côa e Distrito da Guarda, no qual o PAVC se insere, com a arte rupestre e o património arqueológico, foi concebida, em parceria com a Câmara Municipal da Guarda, uma exposição itinerante sobre a Arte e a Arqueologia do Vale do Côa ("A Arte que o Côa Guarda"). Inaugurada na capital de Distrito, passou já pelo Sabugal, Vila Nova de Foz Côa, Celorico da Beira e Tranco-

so. Esteve também patente ao público em Braga, no âmbito da inauguração do remodelado Museu D. Diogo de Sousa. Esta exposição serve de palco a oficinas e actividades educativas destinadas essencialmente a um público escolar, bem como a palestras para o público em geral. As câmaras municipais e as escolas marcam as oficinas e actividades que pretendem, tendo sido possível aos técnicos do Parque, em cada uma das localidades, realizar actividades com largas centenas de crianças.

Em parceria com entidades locais e regionais (câmaras municipais, juntas de freguesia e associações de defesa do património e do ambiente),

o PAVC tem também vindo a colaborar na criação de centros de interpretação e acolhimento, designadamente nas freguesias de Cidadelhe (Pinhel), Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo) e Fóios (Sabugal).

Uma outra linha de actuação é a articulação com Siega Verde e a procura de uma maior ligação ao público do outro lado da raia. Neste contexto foi inaugurada recentemente uma exposição conjunta com a Junta de Castilla y León, subordinada ao tema da arte rupestre paleolítica ao ar livre, incluindo os sítios do Vale do Côa e de Siega Verde.



Oficina de Arqueologia experimental realizada na Guarda, no âmbito da Exposição "A Arte Que o Côa Guarda" (promovida pela Câmara Municipal da Guarda em colaboração com o PAVC).

Bibliografia geral

- AUBRY, T. (1998) – "Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1 (1): 5-26.
- AUBRY, T. (2001) – "L'Occupation de la Basse Vallée du Côa Pendant le Paléolithique Supérieur". *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 253-273 (Actas do Colóquio "Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique", V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- AUBRY, T. (2002) – "Le Contexte Archéologique de l'Art Paléolithique à l'Air Libre de la Vallée du Côa". In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 25-38 (Actes du Colloque, Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999).
- AUBRY, T. (2006) – "Vallée du Côa: un art préhistorique unique". *Archéologia*. 436: 62-71.
- AUBRY, T., coord. (no prelo) – *200 Séculos da História do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas paleolíticos*.
- AUBRY, T. e BAPTISTA, A. M. (2000) – "Une Datation Objective de l'Art du Côa". *La Recherche*. Hors Série. 4 (nov. 2000): 54-55.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, J. (2003b) – "Modalidades de Aproveitamento em Matérias-Primas Líticas nos Sítios do Paleolítico Superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 340-342.
- AUBRY, T. e MANGADO LLACH, X. (2003a) – "Interprétation de l'Approvisionnement en Matières Premières Siliceuses sur les Sites du Paléolithique Supérieur de la Vallée du Côa (Portugal)". *Préhistoire du Sud-Ouest. Supplément*. 5: 27-40 (Actes de la Table Ronde d'Aurillac "Les Matières Premières Lithiques en Préhistoire", 20-23 Jun. 2002).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2003) – "Remontagem de Rochas Termo-Alteradas: um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)". In MATEUS, J. E. e MORENO-GARCIA, M. (eds.). "Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura". *Trabalhos de Arqueologia*. 29: 331-335.
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008a) – "Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio". In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 7-30 (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas das sessões).
- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (2008b) – "Fariseu: new chronological evidence for open-air Palaeolithic art in the Côa valley (Portugal)". *Antiquity*. York. 82 (316). Disponível em <http://www.antiquity.ac.uk/ProjGall/aubry/index.html> (citado em 3 de Junho de 2008).

Foto: PAVC

- AUBRY, T. e SAMPAIO, J. D. (no prelo) – “Chronologie et Contexte Archéologique des Gravures Paléolithiques de Plein Air de la Vallée du Côa”. In *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión* (Salamanca, 15-17 Jun. 2006).
- AUBRY, T.; CHAUVIERE, F. X.; MANGADO LLACH, X. e SAMPAIO, J. D. (2003) – “Constitution, Territoires d'Approvisionnement et Fonction des Sites du Paléolithique Supérieur de la Basse Vallée du Côa”. In VASIL'EV, S. A.; SOFFER, O. e KOZLOWSKI, J. (eds.). “Perceived Landscapes and Built Environments: The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia”. *BAR S1122*, pp. 83-92 (Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001).
- Aubry, T.; LUÍS, L. e SAMPAIO, J. D. (2006) – “Primeira Datação Absoluta para a Arte Paleolítica ao Ar Livre. Os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa)”. *Al-Madani*. IIª Série. 14: 48-52.
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; FULLOLA, J. M.; ROSSEL, L. e SAMPAIO, J. D. (2004) – “The Raw Material Procurement at the Upper Palaeolithic Settlements of the Côa Valley (Portugal): new data concerning modes of resource exploitation in Iberia”. In “The Use of Living Space in Prehistory”. *BAR International Series*. 1224, pp. 37-50 (papers from a session at the EAA 6th Annual Meeting, Lisbon 10-17 Sep. 2000).
- AUBRY, T.; MANGADO LLACH, X.; SELLAMI, F. e SAMPAIO, J. D. (2002) – “Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. 76 (291): 62-76.
- BAPTISTA, A. M. (1983) – “O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)”. *Arqueologia*. Porto. 8: 57-69.
- BAPTISTA, A. M. (1999) – *No Tempo Sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC.
- BAPTISTA, A. M. (2000) – “Procês de Foz Côa (Portugal). História i arqueologia”. *Cota Zero*. 16: 96-110.
- BAPTISTA, A. M. (2003) – “Fauna Plistocénica na Arte Rupestre do Vale do Côa”. *Tribuna da Natureza*. Porto. 4 (13): 14-20.
- BAPTISTA, A. M. (2008) – “Aspectos da Arte Magdalense e Tardi-Glacial no Vale do Côa”. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (2007)*. Vila Nova de Foz Côa. Vol. 1, pp. 14-31.
- BAPTISTA, A. M. (2009) – *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal / Paradigm lost. Côa Valley and the open-air palaeolithic art in Portugal*. Porto: Edições Afrontamento / PAVC.
- BAPTISTA, A. M. e GARCÍA DIEZ, M. (2002) – “L'Art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air”. In SACCHI, D. (ed.). *L'Art Paléolithique à l'Air libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Études Préhistoriques, pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M. e GOMES, M. V. (1998) – “Arte Rupestre”. In ZILHÃO, J. (ed.). *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-409.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (2008) – “Prospecção de Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IP Idade do Ferro”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 62-95.
- BAPTISTA, A. M. e REIS, M. (no prelo) – “Prospecção de Arte Rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Portugues: ponto da situação”. In BALBIN BEHRMANN, R. e BAPTISTA, A. M. (eds.). *Actas do Curso de Arte Rupestre al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión*. Salamanca.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2006) – “Da Ambiguidade das Margens na Grande Arte de Ar Livre no Vale do Côa: reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca”. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 8: 156-184.
- BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. e CORREIA, D. (2008) – “Estruturação Simbólica da Arte Gravetto-Solutrense em Torno do Monte do Fariseu (Vale do Côa)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 38-61.
- BEDNARICK, R. (1995) – “The Côa Petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art”. *Antiquity*. 69: 877-882.
- CARDOSO, José (1994) – *A Geografia da Ibéria Segundo Estrabão*. Edições APPACDM Distrital de Braga.
- CARVALHO, A. F. (2003) – “O Final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996-2000)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6 (2): 229-273.
- CARVALHO, A. F. (2004) – “O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o Início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1): 185-219.
- CRUZ, D. J. da (1998) – “Expressões Funerárias e Culturais no Norte da Beira Alta”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 8: 149-166 (Actas do Colóquio “A Pré-História na Beira Interior”, Tondela, Nov. 1997).
- FABIÁN GARCIA, J. F. (1986) – “La Industria Lítica del Yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una indústria de tipología magdalense en la Meseta”. *Numentia*. 2: 101-143.
- FERNANDES, António Pedro Batarda (2004) – “O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: filosofia, objectivos e acções concretas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7 (1): 5-37.
- FERNANDES, António Pedro Batarda, ed. (2008) – *A Arte da Conservação: técnicas e métodos de conservação em arte rupestre*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2 (3º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: actas).
- GARCÍA DIEZ, M. e AUBRY, T. (2003) – “Grafismo Mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu”. *Zephyrus*. 55: 157-182.
- GARCÍA DIEZ, M. e LUÍS, L. (2002-03) – “José Alcino Tomé e o Último Ciclo Artístico Rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia”. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11: 199-223.
- JORGE, S. O. e RUBINOS, A. (2002) – “Absolute Chronology of Castelo Velho de Freixo Numão (Northern Portugal): data and problems”. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 4: 83-105.
- JORGE, S. O.; JORGE, V. O.; ALMEIDA, C. A. F. de; SANCHES, M. J. e SOEIRO, M. T. (1981) – “Gravuras Rupestres de Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)”. *Arqueologia*. Porto. 3: 3-12.
- JORGE, V. O., coord. (1995) – “Dossier Côa”. *Separata especial de Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4). Porto: SPAE.
- LEMO, F. S. (1994) – “Dossier Côa. I: o relatório de impacte patrimonial (1989)”. *Forum*. Braga. 15-16: 141-156.
- LUÍS, L. (2005) – “Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa: balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa”. *Côavisão*. V. N. Foz Côa. 7: 31-60 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior).
- LUÍS, L. (2008a) – *A Arte e os Artistas do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: PAVC / Ass. Mun. Vale do Côa.
- LUÍS, L. (2008b) – “A Construção da Carta Arqueológica do PAVC: a sua importância para a investigação e gestão do património do Vale do Côa”. In LUÍS, L. e PINTO, M. (eds.). *Investigar e Valorizar o Património*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 2, pp. 52-63 (Fórum Valorização e Promoção do Património Regional: actas das sessões).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; AUBRY, T.; ZILHÃO, J.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e SELLAMI, F. (2006) – “Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal)”. *Antiquity*. York. 80 (310). Disponível em <http://antiquity.ac.uk/ProjGall/mercier/index.html> (citado em 25 de Setembro de 2006).
- MERCIER, N.; VALLADAS, H.; FROGE, L.; JORON, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “Application de la Méthode de la Thermoluminescence à la Datation des Occupations Paléolithiques de la Vallée du Côa”. *Trabalhos de Arqueologia*. 17: 275-280 (Actas do Colóquio “Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique”, V. N. Foz Côa, 22-24 Out. 1998).
- MONTEIRO-RODRIGUES, S.; FIGUEIRAL, I. e LÓPEZ SÁEZ, J. A. (2008) – “Indicadores Paleoambientais e Estratégias de Subsistência no Sítio Pré-Histórico do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal)”. In SANTOS, A. T. e SAMPAIO, J. (eds.). *Pré-História: gestos intemporais*. Porto: ACDR de Freixo de Numão. Vol. 1, pp. 96-119.
- PAU-PRETO, F. e LUÍS, L. (2003) – “Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico: uma nova figura de planeamento”. *Planeamento: Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território*. Aveiro. 1: 73-79.
- SANTOS, A. T. (2008) – “O Vale do Côa: o Homem que criou e o outro que ainda o vive”. In *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional*. Vol. 3, pp. 6-11.
- VALLADAS, H.; MERCIER, N.; FROGET, L.; JORONS, J.-L.; REYSS, J.-L. e AUBRY, T. (2001) – “TL Dating of Upper Palaeolithic Sites in the Côa Valley (Portugal)”. *Quaternary Science Reviews*. 20 (5-9): 939-943.
- ZILHÃO, J. (1995) – “The Age of the Côa Valley (Portugal) Rock Art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of ‘scientific’ dating to historic or proto-historic times”. *Antiquity*. 69 (266): 883-901.
- ZILHÃO, J. (1998) – “The Rock Art of the Côa Valley, Portugal: Significance, Conservation and Management”. *Conservation and Management of Archaeological Sites*. 2 (4): 193-206.
- ZILHÃO, J. (2003) – “Vers une Chronologie Plus Fine du Cycle Ancien de l'Art Paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail”. In BALBIN, R. e BUENA RAMÍREZ, P. (eds.). *El Arte Prehistórico Desde los Inicios del Siglo XX: primer symposium internacional de arte prehistórico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.
- ZILHÃO, J., coord. (1997) – *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Relatório científico ao Governo da República Portuguesa elaborado nos termos da Resolução do Conselho de Ministros n.º 4/96, de 17 de Janeiro*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A. Faustino de; ZAMBUJO, G. e ALMEIDA, F. (1995) – “O Sítio Arqueológico Paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35 (4): 471-485 (Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular).